

Julio Gomes de Almeida, Professor da Unicamp e ex-Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda

“A indústria brasileira terá em 2012 um desempenho negativo, apesar de caminhar para um quadro melhor nos meses finais do ano. O corrente ano reuniu diversos fatores de restrição do crescimento e só muito recentemente passou a acusar os efeitos de medidas de política econômica adotadas desde o ano passado, como a redução de juros, a melhora no câmbio e ações da política industrial.

Os fatores de retração foram a queda do investimento na economia e a desaceleração do consumo, aos quais se juntaram determinantes externos, como a forte pressão do produto importado para conquistar espaços no mercado interno consumidor brasileiro e o fraco desempenho das exportações de manufaturados em função do baixo crescimento ou mesmo de recessão nas economias centrais. Ou seja, nossa crise industrial reflete



Julio Gomes de Almeida

questões internas e externas e combina problemas conjunturais com questões estruturais que influenciam a competitividade da economia.

Traduzindo em números, até agosto a produção industrial declinou 3,4%. O revés foi generalizado entre os ramos de atividade, mas deve ser sublinhado um declínio como 16,3% em veículos automotores, mesmo contando com o incentivo de redução do IPI propiciado pela política econômica.

Na cadeia têxtil/vestuário, os declínios chegaram, respectivamente, a 5,3% e 11,5%, índices muito superiores à queda da taxa correspondente à média da indústria brasileira. Mas, embora ainda encontre-se em declínio, estes dois ramos vêm, gradativamente, diminuindo o ritmo com que reduzem seu nível de atividade, sendo possível que até o final do ano voltem a ter crescimento, embora na média de 2012 não deixem de acusar forte retrocesso.

Esperamos para 2013 um quadro mais favorável para a indústria brasileira – que pode voltar a crescer possivelmente acima de 3% – com os segmentos da cadeia têxtil acompanhando o processo e voltando também a ostentar marcas positivas de expansão. A razão do otimismo reside no suposto de que o governo mantenha o câmbio

minimamente compensador para a produção doméstica, não volte a elevar em larga escala a taxa de juros e que adote medidas complementares para baratear o crédito. Por outro lado, algumas medidas já anunciadas começarão a fazer efeito em 2013, reforçando a perspectiva de melhora. Dentre elas destacam-se a redução dos custos de energia elétrica e a desoneração da folha de salários.”